

# O PAI



# Sumário

Nota Inicial – <i>Antonio Candido</i> .....	7
Carta de Vovô Rodrigo para sua Filha, Marieta .....	9
O Pai.....	13



## Nota Inicial

A qualidade e a importância deste livro vão aparecendo aos poucos durante a leitura. Escrito com sobriedade, ele se apresenta inicialmente como uma espécie de caderno de notas desprovido de pretensão literária –, nos seus períodos curtos, aderentes à realidade dos fatos e dos sentimentos, na sua linguagem sem enfeite, cortada, no entanto, aqui e ali, por imagens de uma raridade e uma imaginação que fazem pensar. E assim vamos percebendo que se trata da obra *construída* de uma escritora cheia de talento, tão bem armada com os melhores recursos do seu ofício, que não largamos a leitura antes das últimas páginas, poderosas e lancinantes.

Tecendo os fios da sua vida de menina e moça, Dirce de Assis Cavalcanti vai-se concentrando progressivamente no miolo do seu propósito e narra o que significou ser filha do homem envolvido em um dos acontecimentos mais terríveis da vida brasileira neste século: a morte de Euclides da Cunha, numa troca de tiros com seu pai, o então cadete e futuro general Dilermando de Assis. Narra como ficou sabendo disso vagamente e por acaso, sem pormenores, nas alusões de colegas de escola movidas pela irrefletida maldade das crianças.

Narra como as coisas se foram delineando aos poucos e como o silêncio dos pais a respeito doeram nela mais do que o fato em si, pois gerou o sentimento de insinceridade e exclusão. E narra de que maneira quase chegou a perder, mas depois recuperou lentamente a estima pelo pai, compreendendo as suas razões de protagonista de uma tragédia cujo desfecho não provocou.

Em torno da figura dramática desse homem a quem era negado inclusive o direito de justificar-se, Dirce de Assis Cavalcanti tece a sua autobiografia até a morte dele, misturando as duas linhas de interesse, analisando as emoções e as vicissitudes pelas quais passou, sempre com uma parcimônia de estilo que nunca perde a categoria de bom texto literário.

O leitor compreende, então, que o tom escolhido por ela se prende à honestidade, ao desejo de não enfeitar para não suscitar pena, pois o intuito que a anima é exprimir com a máxima retidão os seus sentimentos e as suas experiências, sem esconder os seus momentos de dureza e eventuais injustiças. Portanto, na base da escrita despojada, por vezes lacônica, está uma integridade que dignifica, linha por linha, o comovente relato, enquanto a sua história pessoal se mistura ao retrato pungente de um pai condenado à execração pública, mas reavaliado pela compreensão da filha, que primeiro se revoltou a partir da aura negativa do seu ato, depois aceitou a sua humanidade. Assim, o livro de Dirce de Assis Cavalcanti pode ser considerado também uma espécie de documento histórico, uma contribuição incorporada à tragédia de Euclides da Cunha como elemento de um ponto de vista alternativo, elaborado segundo a “visão por dentro” de uma escritora da melhor qualidade.

ANTONIO CANDIDO

## Carta de Vovô Rodrigo para sua Filha, Marieta

*Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1931.*

*Minha filha,*

*Realmente já estou bem apreensivo por falta de notícias tuas, sem mesmo saber em que paragens te achavas, depois que daqui partiste sem as devidas explicações sobre teu destino! Tua carta de 20, recebida a 24, trouxe-me perfeita tranquilidade, se bem que, muito alarmado por te saber em Curitiba, no Paraná, tão distante e tão só! Mas, já que assim o quiseste e tão bem colocada te sentes com o conforto e desvelos dos senhores Demarret, resta-me conformar-me com essa tua inexplicável retirada do Rio, certo como estou, que assim o fizeste, por motivo de tua saúde, tão delicada. Que Deus te ampare, minha filha, e te proporcione dias calmos e saudáveis n'esse clima ameníssimo do Paraná, que já te valeo um aumento "de peso" de 4 quilos! em um mês.*

*Recebi, sempre com muito agrado e íntima satisfação, teu telegrama congratulatório pelo meo 3 de Agosto, assim como recebi pelo Juca tua lembrança, que muitíssimo agradeço.*

*Já sabíamos, por termos lido no Correio da Manhã de 22, que te fora concedida, por portaria de 21, do Sr. Ministro do Exterior, uma prorrogação de 90 dias de licença. Vejo que isto te causou muito prazer e que vais ter assim oportunidade de melhor conheceres e desfrutares de regalias dessa tua estadia em Curitiba, em uma estação menos fria e mais saudável e serena.*

*Mas, filha, essa licença obtida será com todos os teos vencimentos? Não sei, e assim peço que me digas se dispões de meios para ahí te manteres, ou se te devo auxiliar com o que for possível. Estás ahí muito só, sem teres a quem de prompto recorrer n'uma emergência imprevista, e assim, penso que deves ser franca comigo e cessar de uma vêz esse segredo, esse mysterio de que se cercou sempre essa tua viagem, pelo menos para mim. É preciso não facilitar muito, pois tudo na vida nos traz decepções e desenganos que muitas vezes abatem o espírito mais firme e prevenido. É preciso que me digas alguma coisa a respeito. Deves também escrever já a teu irmão Arthur, em Montevidéo, que, em uma sua carta última me perguntava pela Marieta e se já havia se aposentado. Já lhe expliquei que tinhas ido ao interior de São Paulo, por motivo de saúde, com licença, não se cogitando mais de tal aposentadoria.*

*Deves, pois, já agora, escrever-lhe tu mesma explicando a tua viagem e a situação em que te achas ahí em Curitiba.*

*Fallemos agora dos nossos. Não foi só em Curitiba que o frio intenso se fez sentir esse mês de Julho. No Rio, sobretudo em Campo Grande, mal resistimos a essa falada onda de frio, que tanto nos prejudicou a saúde e mortificou as plantações. Imagino, pois, o que sofreste no Paraná, onde normalmente a friagem é penosa, sobretudo para nós outros do Rio, que não conhecemos geadas; mas, nós é que nunca tivemos aqui uma temperatura tão baixa, nunca curtimos tanta humidade na nossa modesta casinha de Campo Grande. Um horror! Tua Mãe quasi enfermou de nôvo dos rins, e eu tive muito*

*agravados os meus achaques prostáticos. Felizmente, tanto nós como a Julita atravessamos a temporada ingrata, e já hoje vamos com saúde, não muito invejável, gozando as amenidades dos dias saudáveis e lindos que nos tem dado o mês de Agôsto. Passamos, pois, mais ou menos bem. Todos os teos irmãos vão em paz, e os pequenos da Julita, sadios, fortes, bem dispostos e satisfeitos nos seus institutos, d'onde nos vêm quasi todos os domingos. O Juca, sempre atravessando com sérias dificuldades sua incipiente carreira de dono de casa, chefe de família! Mas, tanto ele quanto a Mag e o garotito vão passando bem.*

*Bertha esteve conôsko no dia 2 (este anno a família festejou meo aniversário n'esse dia, pois o dia 3 era a primeira segunda-feira de Agôsto) sempre gordíssima e bem disposta. O Mário, Salvador, Maria Emília, Lydinha, assim como a respectiva pequenada, tudo em paz, Deos louvado.*

*Tua Mãe te manda dizer que, "quando de lá vieres, traze-lhe um cobertor bom, como os que se usam ahi em Curitiba". Ahi fica o recado com muitas bênçãos e saudades que ella te envia de todo coração.*

*Recebe, minha filha, com um abraço, as minhas afetuosas saudades e votos de contentes felicidades do teu pai muito amigo*

Rodrigo

*P.S. – Apreciamos a miniatura photographica do bungalow dos Snres. Demarret, que nos pareceu muito agradável. Que esses Snres. te dispensem sempre todos os cuidados e atenções, são os nossos melhores desejos<sup>1</sup>.*

Oito meses depois, eu nascia.

1. (N.E.): Foi respeitada a ortografia da época em que o texto foi redigido.





O Pai





Nasci mal, embora fosse um bebê saudável, robusto e rosado. Fui a impossibilidade de mais um aborto de minha mãe. Teria sido o sétimo, que a suspeita de tuberculose impediu. E, com isso, intrometidamente, nasci, a única filha dos meus pais.

Meu pai, militar, fora removido para o sul do Brasil para chefiar as tropas do Governo e combater uma das muitas revoluções da época, a de 1932. Minha mãe viajou com ele, em vagão diferente do mesmo trem. Como não eram casados, não convinha serem vistos juntos. Naquela época essas coisas tinham muita repercussão, sobretudo em se tratando do meu pai, homem conhecido no país inteiro pela grande tragédia que lhe marcara a juventude. Quando eu nasci, meu pai já não era jovem, tinha quarenta e quatro anos.

Desse tempo conheço poucos detalhes. Cedo aprendi a não fazer perguntas incômodas, ou que pudessem provocar problemas. Mesmo criança, sentia no ar o que podia provocar uma tempestade familiar e evitava-o discretamente. Tratava de ignorar, ou de pretender ignorar, as estranhezas da minha família.

Para completar a inconveniência da minha vinda ao mundo, nasci antes do tempo esperado, num dia primeiro de abril. Minha mãe, chegada há pouco a Castro, não conhecia ainda ninguém. Pedi à empregada para chamar a parteira e a vizinha. A parteira veio. A vizinha, pensando talvez nos trotes, apareceu no dia seguinte. Meu pai estava fora, em manobras. Embora não quisesse ter mais filhos, pois já os tinha, cinco, de um primeiro matrimônio, minha chegada deixou-o muito feliz. Ajudava minha mãe nos meus primeiros meses. Cortava as camisinhas de pagão que ela costurava para mim e se alternava com ela para calar meus choros noturnos. Mas, quando eu nasci, ele não estava lá.

Nunca lhes perguntei como fora a vida deles antes do meu nascimento. Nem sei como se conheceram. De minhas tias me vêm várias versões. Uma delas seria a de que se encontraram numa pensão familiar em Botafogo, onde os dois moravam, solitários. Outra é a de que mamãe teria ido trabalhar como secretária de papai e daí resultara o namoro. Uma prima, mais velha do que eu, conta que, muito pequena ainda, costumava acompanhar minha mãe nos seus passeios com um militar.

Sempre me custou acreditar que algum dia meus pais pudessem ter sido jovens e felizes. E me causava surpresa, quase descrédito, qualquer testemunho de que se pudessem ter enamorado e vivido paixões avassaladoras.

Bebê robusto e rosado, fui crescendo. Entre as minhas lembranças mais antigas, das que já nem sei se são memórias ou coisas que ouvi contar, está a de uma casa de pedra, que meu pai acabara de construir, onde eu espetei o pé num prego. Lembro do meu pé gordo, calçado num sapato ver-